

Vida longa aos brasileiros, revela pesquisa do IBGE

(NÃO ASSINADO)

O brasileiro está vivendo mais. Em 2006, a expectativa de vida dos brasileiros chegou a 72 anos, três meses e 12 dias, segundo pesquisa divulgada ontem pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). De acordo com os dados da Tabela de Mortalidade, a estimativa média dos brasileiros cresceu mais de 17 anos desde 1960, quando a pesquisa foi realizada pela primeira vez. Naquele ano, a expectativa média dos brasileiros era de 54,6 anos.

Para as mulheres, a estimativa de vida é de 76,1 anos, quase sete anos a mais do que os homens (68,5 anos). Segundo o IBGE, a diferença ocorre porque os homens estão mais expostos às mortes violentas, como homicídios, suicídios e acidentes de trânsito.

Entre os fatores que contribuíram para o aumento da longevidade estão a melhoria no acesso da população aos serviços de saúde, as campanhas de vacinação, o aumento da escolaridade, a prevenção de doenças e os avanços da medicina, segundo o IBGE. O avanço também está sendo provocado pela ampliação da renda média do trabalhador.

Na avaliação do chefe do Centro de Políticas Sociais da FGV-RJ, Marcelo Néri, os dados oficiais mostram que a expectativa de vida do País subiu 6 anos em 16 anos, pois estava em 66,1 anos em 1990. "Mantida a atual velocidade de expansão, o Brasil atingirá, em 12 anos, a média de 76,2 anos, registrada por países com Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) superior a 0,8, entre eles os Estados Unidos, nações européias, Argentina, Chile e Uruguai", comentou.

Mortalidade infantil -A pesquisa também revelou a redução de 64% na taxa de mortalidade infantil no País, entre 1980 e 2006. A taxa caiu de 69,1 óbitos por cada mil nascidos vivos, em 1980, para 24,9 óbitos a cada mil nascidos vivos, no ano passado.

Em 2006, o estado com a mais baixa taxa de mortalidade infantil era o Rio Grande do Sul (13,9 óbitos por mil nascidos vivos), seguido por São Paulo (16,0 por mil). O Ceará conseguiu a maior redução proporcional, no período estudado (72,4%), passando de 111,5 por mil para 30,8 por mil nascidos. Alagoas e Maranhão continuam com as maiores taxas de mortalidade infantil do Brasil: 51,9 por mil e 40,7 por mil, respectivamente.

Desigualdades -Embora as estimativas de vida tenham melhorado para todos os estados do País, as desigualdades regionais permanecem, segundo a Tabela de Mortalidade do IBGE. De acordo com o levantamento, todos os estados das regiões Sul, Sudeste e Centro-Oeste alcançaram taxas acima da média nacional, enquanto os do Norte e Nordeste ficaram abaixo dela.

Em alguns casos, a diferença entre os estados chega a mais de nove anos na expectativa de vida da população. Para o Distrito Federal, primeiro do ranking geral, a previsão ultrapassa 75 anos, enquanto Alagoas, estado com a pior estimativa, não chega a 67 anos.

Para o coordenador da pesquisa, Juarez de Castro Oliveira, os avanços do País na elevação da expectativa de vida foram insuficientes para reduzir as desigualdades. "A desigualdade regional é persistente no País e, pelos dados existentes até o momento, vai continuar se algo não for feito para acelerar o desenvolvimento de certas regiões", destacou.

Oliveira acrescentou que, por causa das grandes diferenças em relação à média nacional, o IBGE preferiu não divulgar a posição do Brasil no ranking internacional de expectativa de vida. "Não adianta compararmos a média do País com médias de outros países, onde a variação é muito menor. Temos uma grande variação que precisa ser solucionada", justificou. De acordo com ele, enquanto há uma projeção de que a média de vida chegue a 75 anos no País em 2015, essa taxa só seria alcançada no estado de Alagoas 14 anos mais tarde, em 2029.

Violência - Os dados também refletem o crescimento da violência no País. Em São Paulo, um homem com idade entre 20 e 24 anos tem 5,9 vezes mais chance de morrer do que uma mulher com as mesmas características. Em 1980, essa diferença era de 2,4 vezes. Esse aumento foi provocado, principalmente, por causa das mortes violentas, apontam os técnicos do IBGE.

No Amapá, o salto foi ainda maior: a sobremortalidade masculina passou de 1,6 para 6, 1 vezes. O Rio de Janeiro tem o terceiro pior índice: um jovem fluminense tem 5 vezes mais possibilidade de morrer do que uma moça. Em todo o País, o índice comparativo dobrou, passando de 2 vezes, em 1980, para 4, em 2006.

"Essa situação revela claramente que pouco se avançou no que diz respeito à segurança pública. Esses jovens poderiam estar ingressando no mercado de trabalho, mas foram mortos prematuramente, deixando suas famílias traumatizadas",

comentou o coordenador da pesquisa do IBGE. (Agências)